

Joseph Hanlon associa negócio da droga à Presidência da República

- A ligação da droga à Presidência da República emite um sinal preocupante de que o Estado está a ser controlado pelo crime organizado



Créditos: DW

O conceituado pesquisador Joseph Hanlon associa o negócio da droga à Presidência da República. Numa publicação citada pelo jornal diário digital "Canalmoz", Joseph Hanlon afirma que o negócio da droga é gerido pela Presidência da República, o gabinete de trabalho do Presidente da República, que neste momento é Filipe Nyusi. Segundo Joseph Hanlon, Filipe Nyusi tem conhecimento desse negócio que há décadas tem na Presidência da República o seu quartel geral.

Já há muito que se sabe que o negócio da droga em Moçambique só prospera graças ao envolvimento ou protecção das elites do partido Frelimo, mas é a primeira vez que alguém visa directamente a Presidência da República como o centro de comando do negócio da droga, o que é um sinal preocupante de que o Estado está a ser completamente controlado pelo crime organizado, tendo em conta

que o negócio da droga anda ligado a outras formas de crime, como o branqueamento de capitais e os raptos, este último recentemente associado ao terrorismo. Isto por um lado. Por outro lado, é preocupante, tendo em conta os poderes excessivos do Presidente da República que lhe permitem o controle de todo o Estado, o que impede qualquer acção tendente a combater o mal.

A publicação do pesquisador é feita em reacção a uma intervenção de Filipe Nyusi no Conselho Coordenador do Ministério do Interior, que teve lugar no dia 17 de Julho, no qual Nyusi exigia resultados no combate aos raptos e ao tráfico de drogas.

Nessa publicação, Joseph Hanlon afirma que, durante mais de duas décadas, o comércio de heroína foi controlado pelo Gabinete do Presidente. Isso significa que Joaquim Chissano e Armando Guebuza também sabem do negócio.

Nyusi, que subiu ao poder em 2015, continuou com o negócio. O pesquisador diz, no entanto, que nem todo o negócio da droga é controlado pela Presidência, o que justifica as operações de desmantelamento de pequenas fabriquetas.

A heroína e a metanfetamina orgânica (produzida a partir dos arbustos de éfêdra), provenientes do Afeganistão, ainda são controladas pelo Gabinete do Presidente de Moçambique e raramente são apreendidas pela Polícia.

“Mas a fábrica na Moamba, invadida pela Polícia recentemente, tinha mexicanos e nigerianos que produziam metanfetaminas sintéticas ou P2P e, portanto, estava fora do controlo do Gabinete do Presidente”, afirmou.

Moçambique está no mapa dos países que servem de trânsito de droga, tendo nos últimos tempos passado para a lista dos países que também consomem droga.

Um relatório da Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional, publicado em 2022, indica que na África Austral os portos de Pemba e de Nacala estão entre os mais importantes no tráfico de droga.

De acordo com esse relatório, os países do Leste e do Sul da África podem estar a receber mais drogas em relação à América Latina. O Gabinete das Nações Unidas contra a Droga e o Crime alertou¹, em 2019, que Moçambique se tinha tornado num corredor de grandes volumes de substâncias ilícitas, principalmente heroína, e recomendou uma maior cooperação internacional para a prevenção.

A droga move milhões de dólares. São esses dólares que financiam o partido Frelimo. Um estudo da autoria de Joseph Hanlon, intitulado “Heroína continua sendo uma das maiores exportações”, indica que todos os anos são movimentados entre 10 e 40 toneladas de heroína, ou mesmo muito mais, através de Moçambique, com um valor de exportação de 20 milhões de US\$ por tonelada. Segundo esse estudo de 2018, estima-se que pelo menos dois milhões de US\$ por tonelada ficam em Moçambique, na forma de lucros, subornos e pagamentos a figuras seniores moçambicanas.

No dia 1 de Junho de 2010 o então Presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Barack Obama, designou Mohamed Bachir Suleman (MBS) “barão”² de droga. É público que MBS é um dos principais financiadores das campanhas da Frelimo desde os tempos



Mas a fábrica na Moamba, invadida pela Polícia recentemente, tinha mexicanos e nigerianos que produziam metanfetaminas sintéticas ou P2P e, portanto, estava fora do controlo do Gabinete do Presidente



de Joaquim Chissano. Acredita-se que esse financiamento é uma forma de “massagear” o sistema para continuar a garantir-lhe protecção.

Recentemente, o primeiro vice-presidente da AR, Hélder Injonjo³, apareceu ligado ao tráfico de drogas, a partir do Porto de Macusse, na província da Zambézia.

Quer Injonjo quer a família MBS e outros continuam a viver normalmente sob a protecção do sistema.

Um membro de um dos maiores grupos de narcotráfico do mundo, o brasileiro Gilberto⁴ Aparecido dos Santos, mais conhecido como “Fuminho”, foi detido em Abril de 2020, depois de muito tempo a viver em Moçambique.

Fuminho tinha fugido da cadeia no Brasil e foi detido numa zona nobre da capital moçambicana. Tendo em conta o local onde “Fuminho” vivia, a percepção social foi a de que Fuminho tinha protecção de gente poderosa. Aliás, a estância turística na qual Fuminho vivia em Moçambique, o Indy Village, está a poucos quilómetros da Presidência da República.

Vários outros barões da droga foram detidos em Moçambique, com destaque para nigerianos e angolanos que aqui viviam.

Em Janeiro deste ano foi notícia que as autoridades indianas detiveram uma cidadã moçambicana de nome Ana Massuanganhe, na posse de quantidades e tipo de drogas não revelados. Massuanganhe é uma secretária do Vice-Ministro da Justiça, Assuntos Constitucionais e Religiosos, Filmão Suaze, que é também porta-voz do Governo.

O Centro para Democracia e Direitos Humanos (CDD) defende que as declarações segundo as quais a Presidência da República é o centro de comando do negócio da droga emitem um sinal preocupante de que o Estado está completamente controlado pelo crime organizado, tendo em conta que o negócio da droga anda ligado a outras formas de crime, como o branqueamento de capitais e

os raptos, este último recentemente associado ao terrorismo. Isto por um lado. Por outro lado, é preocupante, tendo em conta os poderes excessivos do Presidente da República que lhe permitem o controle de todo o Estado, o que impede qualquer acção tendente a combater o mal.

Recentemente, o Departamento do Tesou-

ro dos EUA disse que o valor de resgate no negócio milionário dos raptos era usado para financiar o terrorismo.

O Gabinete de Informação Financeira de Moçambique (GIFIM) disse que o dinheiro dos raptos era reintroduzido no sistema financeiro⁵ por via de contas bancárias de familiares mais próximos ou de empresas por

si controladas ou pelos seus familiares, bem como de funcionários das Forças de Defesa e Segurança. Segundo um relatório do GIFIM, nos últimos 10 anos, o valor solicitado pelos sequestradores, até aqui apurado, ultrapassa 2,1 mil milhões de meticais, o equivalente a mais de 33 milhões de dólares norte-americanos.

⁵ <https://opais.co.mz/dinheiro-sujo-introduzido-nos-bancos-por-mandantes-dos-raptos/>



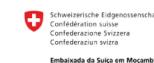
INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – CENTRO PARA DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: André Mulungo
Autor: CDD
Layout: CDD

Contacto:
 Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
 Telefone: +258 21 085 797

CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO



¹ <https://cddmoz.org/wp-content/uploads/2020/07/Destacado-analista-sul-africano-diz-que-trafico-de-heroína-para-Africa-do-Sul-floresce-gracas-as-facilidades-dadas-pela-Frelimo-1.pdf>

² <https://cddmoz.org/wp-content/uploads/2020/07/Destacado-analista-sul-africano-diz-que-trafico-de-heroína-para-Africa-do-Sul-floresce-gracas-as-facilidades-dadas-pela-Frelimo-1.pdf>

³ <https://cddmoz.org/wp-content/uploads/2020/07/Frelimo-cria-Comissao-Parlamentar-de-Inquerito-para-lavar-a-imagem-do-deputado-barao-de-droga.pdf>

⁴ <https://www.voaportugues.com/a/fuminho-perigoso-traficante-brasileiro-de-drogas-detido-em-maputo/5370565.html>